

## ECINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

### A CINEMATECA COM O INDIELISBOA | 50 ANOS DE FORUM BERLINALE

29 de Agosto e 9 de Setembro de 2020

## EL CUARTO PODER / 1970

um filme de HELENA LUMBRERAS, MARIANO LISA

*Realização:* Helena Lumbreras, Mariano Lisa *Argumento:* Helena Lumbreras, Llorenç Soler *Fotografia (16 mm, Eastmancolor):* Llorenç Soler *Montagem:* Helena Lumbreras.

*Produção:* Colectivo Cine de Clase (Espanha, 1970) *Cópia:* Filmoteca de Catalunya, DCP, cor, versão original em castelhano legendada em inglês e electronicamente em português, 39 minutos *Apresentado no Forum Berlinale de 1971 Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca.*

## ANGELA: PORTRAIT OF A REVOLUTIONARY? / 1971

um filme de YOLANDE DU LUART

*Realização, Argumento:* Yolande du Luart *Fotografia (35 mm, preto e branco):* Roger Andrieux, Yolande du Luart, Charles Burnett, Lynn Merrick, Betty Chen, Larry Roman, Brogan Depoar, Earl Samson, Vince Dyer, Joe Seharer *Montagem:* Maryse Siclier, Jacqueline Meppiel *Com:* Angela Davis, George Jackson, Jane Fonda, etc.

*Produção:* New American Film Makers Series, Whitney Museum of American Art, NY (França, Estados Unidos, 1971) *Produtores:* Yolande du Luart, Mae Mercer *Cópia:* 16 mm, preto e branco, legendada electronicamente em português, 62 minutos *Apresentado no Forum Berlinale de 1971 Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca.*

### NOTA

A cópia 16 mm de ANGELA: PORTRAIT OF A REVOLUTIONARY? apresenta as características do material de origem que por vezes tornam difícil a compreensão dos diálogos.

---

“A imprensa reflecte a realidade do país?” A pergunta de Helena Lumbreras e Mariano Lisa move EL CUARTO PODER, realizado em 1970, na Espanha ditatorial de Franco pelo casal de cineastas fundadores do colectivo militante Cine de Clase. A Península Ibérica partilhava a triste realidade da ditadura, questões específicas à parte, o que se ensaia à volta do “quarto poder” em Espanha não deixa de encontrar os seus paralelos com o que se passava no Portugal do Estado Novo da época. E – não se pasmem – não deixa de reflectir questões actuais, as que vêm num ápice à cabeça a propósito das “notícias falsas”, que sempre existiram e se formulavam antes de a globalização contemporânea lhes dar o termo condicente com a condição nova das *fake news*. O passado fala-nos amiúde do presente, *helàs*.

A espanhola Helena Lumbreras (1935-1995), que estudou cinema em Itália e aí trabalhou para a televisão antes de regressar a Espanha para registar o movimento anti-franquista, empenhou-se na militância dos filmes documentais a partir de 68. Com Mariano Lisa (nascido em 1945), fundou a Cine de Clase com os olhos postos no protesto social e no retrato dos trabalhadores socialmente desfavorecidos, de que surgiram EL CAMPO PARA EL HOMBE (1973) ou OR TODOS O NINGUNO (1975-76). EL CUARTO PODER dirige-se à realidade da comunicação social espanhola da época, diagnosticando o

alinhamento com o regime, analisando a existência dos grupos empresariais, comparando a imprensa oficial e as publicações clandestinas, e sugerindo a possibilidade da abertura dos olhos por parte dos leitores. Só mantendo uma postura crítica e céptica e um espírito exigente, sabendo ler entrelinhas, procurando fontes credíveis, lendo a imprensa estrangeira, se podia fazer frente a uma imprensa não livre, como advoga o filme, até à vibração vermelha do plano em que se escuta a contagiante *Internacional*. Falam dois jornalistas (filmados como vultos de costas), falam três operários, fala um padre revolucionário, e os discursos vão-se compondo com o grafismo das imagens de primeiras páginas, o noticiário impresso e as subtilezas das palavras ou dos corpos de letra. É uma radiografia que implica uma exortação – “Cria a tua imprensa. Financia a tua imprensa. Lê a tua imprensa.” Tocam campanhas?

Pela mesma altura, nos Estados Unidos, a guerra no Vietname, a exploração social, a discriminação racial, o sexismo, inflamavam combates, o activismo político de que outros dos filmes apresentados neste programa nos têm falado. A escritora e intelectual Angela Davis, professora de filosofia na UCLA e membro do Partido comunista e dos Black Panthers, destacava-se como porta-voz dessa militância, e foi alvo de uma polémica detenção em 1970. Vira-se acossada pela administração americana e no Verão de 1970 estava envolvida no apoio à causa da libertação de três militantes políticos, George Jackson, Fleeta Drumgo e John Clutchette conhecidos como “Irmãos Soledad” a partir do nome da prisão em Monterey em que se encontravam. Pouco tardou até que integrasse a lista dos dez fugitivos mais procurados pelo FBI, por acusação de conspiração, sequestro e homicídio por suposta associação a uma tentativa de fuga de um tribunal de São Francisco.

Realizado por uma das suas antigas estudantes na Califórnia (como de Charles Burnett e Haile Gerima), *ANGELA: PORTRAIT OF A REVOLUTIONARY?* retrata-a captando a convulsão desse momento. Yolande du Luart, que privara com os círculos letristas em França e em França montou e concluiu este seu único e importante documentário, que conseguiu filmar antes de chamar a atenção do FBI. Dedicou-o a John Peter Jackson, irmão de George, assassinado num tiroteio quando protestava pela libertação dos “Irmãos Soledad”, conforme é narrado no início. Nicole Brenez, que o Lincoln Center cita acerca do filme, escreveu a propósito, “No curso dos acontecimentos, este retrato elogioso e sensível de uma filósofa politicamente empenhada transformou-se num grito pela libertação de uma activista presa e um manifesto revolucionário internacional”. É fundamentalmente isso.

Yolande teve a cumplicidade de Angela, filmando-a nas aulas, seminários, manifestações e comícios, e em casa, à secretária de trabalho. Embora o filme se concentre na dimensão pública da actividade de Angela Davis, as sequências em casa convocam o pensamento reflexivo de Davis permitindo um relance sobre a intimidade que não estava em causa fixar-se. É bem dito no título: o retrato de uma revolucionária. “Free my brother, free my sister, free my people”, diz a letra da canção que o embala com pungência, num balanço com as palavras de ordem, a reverberação do discurso convicto fosse junto dos estudantes universitários fosse nas escadas de edifícios públicos em que se juntavam simpatizantes como Jane Fonda, lembrando-nos como os espíritos se encontravam. É aliás uma boa deixa para notar que dentro de pouco tempo é possível voltar a vê-la “ao lado” de Delphine Seyrig (retrospectiva em Outubro) que em França, em meados da mesma década, se lançou noutros colectivos de combate feminista e político.